

A GEOGRAFICIDADE DOS PESCADORES ARTESANAIS NO RIO PARAÍBA DO SUL

The geographicity of the artisanal fisheries in the river Paraíba do Sul, Brazil

Amaral Morais Raimundo¹

Antonio Bernardes²

RESUMO

Com o intuito de compreender a geografcidade dos pescadores artesanais do Curso Médio Inferior do Rio Paraíba do Sul, mais especificamente, nos municípios de Itaocara, Cambuci e São Fidélis, no Estado do Rio de Janeiro, nos baseando nas concepções de situação, circunstância, corpo-Terra, quadratura como lugar e temporalidade, realizamos uma pesquisa participante que em muitos pontos do manuscrito se amparou na história oral dos pescadores e, mesmo, na autobiografia de um dos autores. Com isso, partimos do pressuposto que os pescadores artesanais possuem características peculiares na relação homem/meio porque seus lugares são referenciados nas dinâmicas do rio, assim como, em suas experiências, tradições e lendas. Deste modo, pretendemos colaborar com o desenvolvimento de uma Geografia comprometida com a compreensão da existência tendo como base a geografcidade proposta por Dardel, ou seja, uma compreensão do lugar a partir dos próprios pescadores e sua relação com o meio.

Palavras-chave: Pesca artesanal. Geografcidade. Circunstância. Corpo-Terra. Lugar. Temporalidade.

ABSTRACT

Intending to understand the geographicity of artisanal fishers from the Middle and Lower Course of a River Paraíba do Sul, highlighting, the cities of Itaocara, Cambuci and São Fidélis, in the State of Rio de Janeiro, Brazil, based in conceptions of situation, circumstance, body-Earth, quadrature as place and temporality, we developed a participant research that in many points of the manuscript was supported in the oral history of the fishermen and even in the autobiography of one of the authors. The in it assumption is that artisanal fishers have peculiar characteristics in the man/environment relations because their places are referenced in the dynamics of the river, as well as in their experiential, traditions and legends. With this, we intend to develop a Geography committed to the understanding of existence based on the geographicity proposed by Dardel, in other words, an understanding of the place made by the fishermen themselves and the irrelatant environment.

Keywords: Artisanal fishing. Geographicity. Circumstance. Body-Earth. Place. Temporality.

¹ Discente do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes-RJ e integrante do grupo de pesquisa Geografia e Contemporaneidade (Geo.Com) na mesma instituição. amaralmorais@gmail.com.

✉ Rua José do Patrocínio, 71, Centro, Campos dos Goytacazes, RJ. 28010-385.

² Docente do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes-RJ e docente do Departamento de Geografia e Políticas Públicas da Universidade Federal Fluminense, Angra dos Reis-RJ. antonio_h_bernardes@yahoo.com.br.



INTRODUÇÃO

A pesca artesanal é uma das atividades mais antigas que o homem desenvolveu na busca pela sobrevivência e que no decorrer do tempo, a partir do aperfeiçoamento de sua prática, das experiências compartilhadas e dos valores simbólicos desenvolvidos, o que poderia ser considerado somente como uma determinada atividade laboral, acabou contribuindo para o desenvolvimento de identidades dos homens que vivem em comunidades de pescadores artesanais.

A pesca artesanal sempre se apresentou como modo de existência dos pescadores, tendo como base para isso o fato dela fazer parte das memórias e da existência de um dos autores desse texto como parte de sua história de vida. Com isso, numa das primeiras conversas que nós tivemos, nos perguntamos: Por que estudar a pesca artesanal? Eis a resposta:

Eu nasci em uma família de pescadores que reside à margem do Rio Paraíba do Sul, no município de Cambuci. Meu pai era pescador, assim como meus tios, que continuam exercendo a profissão. Tenho lembranças de quando era criança, de ter o Rio como extensão de minha casa. Ainda posso ouvir o som das águas batendo na rocha, percebidos como no tempo em que era criança. O doce gosto das águas cristalinas, que naquele tempo se consumia diretamente do rio. A leve brisa tocando o rosto e nos convidando a admirá-lo, enaltecê-lo, adentrá-lo e senti-lo. Usá-lo em um momento em que a fartura do pescado pairava sobre suas águas. Foi nesse Rio que aprendi a nadar, a pescar, a preservar e a viver, ou seja, a ser-no-mundo.³

³ A partir desse ponto as orações contidas nos quadros na cor laranja são referências as experiências de um dos autores do texto, em específico, ao Ms. Amaral Morais. Trata-se de um relato autobiográfico que possui como fundamento a geograficidade dos pescadores.

Com isso, as questões iniciais que rodearam nossas mentes nas atividades de pesquisa eram em como tratar de forma distanciada um mundo que é tão presente no pesquisador? Simples, não nos distanciando dele e sim nos imergindo nele ainda mais. Contudo, essa imersão não era somente uma retomada de uma experiência e percepção de outrora, até porque o nosso retorno o é, também, como geógrafos.

Aos dezenove anos de idade me afastei fisicamente do Rio, mas o Rio não se afastou de mim. Hoje, após aproximadamente quinze anos, retorno ao Paraíba do Sul e vejo que muitas coisas mudaram e outras, nem tanto. O Rio e os pescadores vêm enfrentando vários problemas, tais como: como a poluição das suas águas por despejo de esgoto doméstico, despejo de agrotóxicos devido às práticas agrícolas na sua Bacia, vazamento de metal pesado pelas indústrias que se instalaram às suas margens, o despejo de lixo hospitalar, desmatamento da mata ciliar para implantação do gado, a pesca predatória, a expansão urbana e a ocupação das suas margens.

Emergiu então um segundo motivo que norteou a pesquisa. Tratou-se da angústia pelo certo negligenciamento acerca do ser-no-mundo, que é o pescador em benefício das perspectivas teórico-metodológicas que o tratam somente como resultado ou consequência de aspectos econômicos e políticos de outras escalas, que não aquela de sua vivência, destituindo parte de sua humanidade e geograficidade. Ora, mas isso não seria como negligenciar os fundamentos existenciais de quem é o pesquisador? Por isso, caminhamos na direção de entender o

espaço geográfico não como o da Matemática ou da Física, mas aquele que aborde a existencialidade dos pesquisadores e dos pesquisados, como propôs Dardel (2015, p.123), considerando a “Terra como morada do homem”.

O espaço para Dardel é o espaço real, visível e invisível. Ele busca explicar a relação homem/meio, tendo o lugar como a essência da experiência e da existência. Com isso, o espaço geográfico só é compreensível de forma indissociável do homem como ser-no-mundo, pois o espaço sempre estará relacionado com a realidade humana.

A Terra não é um planeta, mas sim o solo fundamental, a origem a partir do qual todo conhecimento e toda existência podem se elevar e tomar sentido. [...] a Terra é a morada do homem. Nesse sentido, o saber geográfico não é um saber “teórico” como os outros: ele assume imediatamente um valor prático, ao mesmo tempo pragmático e moral (DARDEL, 2015, p.123).

Dardel propôs o conceito de **geograficidade**, que aborda a Terra como fundamental para a existência humana. E, a Geografia é um modo de conhecimento que permite o homem compreender a si mesmo e como ele estabelece uma série de práticas na Terra. Práticas que não possuem somente características laborais, mas, sobretudo, existenciais.

Com base nessas considerações iniciais referenciadas em Dardel entendemos que é possível recolocarmos o homem em primeiro plano para a pesquisa sem eclipsar o ser que somos no mundo em benefício das formas, funções, processos políticos e econômicos que, por mais que influenciem a vida dos pescadores, não definem estritamente a sua geograficidade. Com isso, antes de tudo, “ouvimos” os pescadores para lhes “atribuir voz” como uma maneira de reconhecermos as formas de sua existência para interpretarmos as suas geograficidades.

Destacamos os **utensílios** da pesca⁴ e os **termos êmicos**⁵ com o intuito de interpretarmos o Rio e a pesca por uma perspectiva existencial, não somente como pesquisadores, mas também como ser-no-mundo e como um pescador com outros pescadores. Por isso, fizemos uma incursão dentro do cotidiano dos pescadores a partir de uma pesquisa participante, da história oral dos pescadores e relatos autobiográficos em que vivenciamos o dia a dia da pesca, dos pescadores e do Rio. Além do mais, nos baseamos na discussão teórica acerca do mundo visto como quadratura de Heidegger – terra, céu, deuses e mortais – em que é percebido e sentido através da relação Corpo-Terra, mencionada por De Paula (2015), em seu manuscrito “Sobre Geopoética e Condição do Corpo-Terra”. O corpo e a terra apresentam uma relação indissociável para a existência humana e o vivenciado e o experienciado com a circunstancialidade e a situação. A circunstancialidade seria a posição e localidade em que o ser observa e vivencia a paisagem ou o mundo, tendo em mente que esse mundo é móvel. Já a situação, de acordo com Marandola Jr. (2014), idealiza e concepta o ser-aí (*Dasein*) heideggeriano, ou seja, a situação relativa que o ser se encontra diante do mundo e dos entes. Ademais, as temporalidades (Cheio e Vazio) irão influenciar na dinâmica do Rio e colaborarão para o surgimento de novos lugares da pesca. Estes, por sua vez, serão um misto de passado e presente, de memória e existência.

Desse modo, iniciamos a discussão a partir de uma aproximação da Região estudada, não nos referenciando simplesmente no que

4 Os utensílios da pesca são os materiais utilizados pelos pescadores no ato da prática pesqueira, são eles: pesca de caniço, pesca de molinete, pesca de facho, pesca de rede, pesca de tarrafa, pesca de coador, pesca de gaiola e pesca de espera ou boiador.

5 Os Termos êmicos foram utilizados para denominar os lugares do Rio a partir da percepção dos próprios pescadores, são eles: fundo/raso; cachoeiro/manso; areia/pedra/lama; reta/curva; testa/ maretá; e rebojo/volta d’água. A validade dos termos êmicos está relacionada com o conhecimento da comunidade estudada, dos sujeitos estudados, que estão em concordância com a percepção dos mesmos como ser-no-mundo e que retratam certas características de sua cultura.

se diz respeito ao Curso Médio Inferior do Rio Paraíba do Sul, mais especificamente, nos municípios de Itaocara, Cambuci e São Fidélis, no estado do Rio de Janeiro, mas na região vivida pelos pescadores, que nesse trecho do Rio são, em sua maioria, artesanais. Em seguida abordamos a geograficidade dos pescadores artesanais destacando, por meio de termos êmicos, os lugares e as temporalidades do Rio e dos pescadores. Por fim, buscamos interpretar a geograficidade e os lugares dos pescadores artesanais nos referenciando numa forma de fazer Geografia que leve em conta as experiências e os modos de existência dos homens.

UMA APROXIMAÇÃO COM A REGIÃO DE PESQUISA

Há cerca de trinta anos atrás eu era muito pequeno, tinha aproximadamente uns cinco anos de idade, mas lembro-me claramente, como se fosse hoje, dos pescadores se preparando para pescar em longa distância. O meu pai era um desses pescadores. Logo de manhã minha mãe acordava e preparava o café e os alimentos que seriam consumidos pelo meu pai e seus companheiros durante a viagem. Os pescadores tinham dois destinos principais para praticar a pesca. O primeiro e mais desejado era no município de Itaocara. Oh! Quantas vezes ouvi histórias contadas pelos pescadores sobre o “Cachoeiro do Barbado”⁶. Descrito por eles como um dos mais perigosos da Região. Para praticar a pesca nesse município os pescadores tinham que alugar um caminhão, em que pudessem colocar seus barcos dentro da caçamba. Eram no máximo quatro barcos, cada barco com dois pescadores.

6 Cachoeiro existente no município de Itaocara, Rio de Janeiro.

O município de Itaocara, em relação ao fluxo do Rio, apresenta-se primeiro do que o de Cambuci e de São Fidélis, por isso a necessidade dos pescadores subirem margeando o Rio por viagens de caminhão. Ao chegarem ao destino (Itaocara) os pescadores tiravam seus barcos do caminhão e os colocavam na água. Logo, saíam em busca de um abrigo que pudessem acampar e passar à noite. Durante a noite, após a refeição, já começava a pescaria. Os pescadores demoravam em torno de uma semana para descer o Rio no sentido Itaocara/Cambuci.

Contando com a chegada de meu pai, lá estava eu, lhe esperando sentado à margem do Rio. Não demorava muito surgia lá no horizonte um barco. Eles estavam chegando! Minha casa era na margem do Rio Paraíba do Sul. Ao encostar o barco à margem, na maioria das vezes a alegria tomava conta da minha família, primeiro pela saudade e segundo por vermos que a pesca tinha sido farta. O barco vinha quase afundando de tanto peixe que os pescadores pegavam. Isso em uma época em que a pesca nesse Rio era farta, muito diferente do que vemos hoje.

O outro destino dos pescadores era a pesca no município de São Fidélis. Esse município comparado ao de Cambuci, e em relação ao fluxo do Rio, está depois. Por isso, não havia necessidade do caminhão para o transporte dos barcos. Os pescadores desciam o Rio pescando e remando até chegarem a São Fidélis, onde acampavam e pescavam.

Lembro-me de histórias sobre o “Cachoeiro do Cachimbazinho”⁷. Um lugar generoso para a pesca. Muitos pescadores não gostavam de ir para esse município, pois na volta para a casa o barco estava cheio e pesado, além

7 Cachoeiro existente no município de São Fidélis, Rio de Janeiro.

do mais, o pescador tinha que remar contra o fluxo d'água do Rio. Naquela época não existiam motores nessa Região, o deslocamento dentro do Rio era feito manualmente, como diz o pescador Armando, "no braço!".

Mas por que essa história? Para rememorarmos que essa era e é a Região frequentada cotidianamente pelos pescadores artesanais. Assim, a partir de memórias e da interpretação acerca das vivências sobre a pesca e da existência desses homens, conseguimos nos aproximar de uma região vivida. Como nos aponta Frémont (1980), a região vivida associa espaços sociais e lugares vividos, formando um conjunto com estrutura própria, diferentes de outras regiões, tendo em vista suas representações particulares, consolidadas na percepção de quem a habita e de quem não a habita. Desta forma, a experiência, a vivência, a identidade e a cultura, servem para definirem os limites das regiões, que não são fixos e variam no tempo, pois sua referência é a pesca e a vivência no Rio. Sendo assim, nos aproximamos e interpretamos as referências espaciais, valores e signos dos pescadores artesanais, assim como, de memórias para ao menos indicar, mesmo que superficialmente, a Região que praticam a pesca, conforme representado na Figura 1.

É importante salientarmos que independentemente do município onde o pescador reside, essa é a Região em que ele pratica a pesca. Desta forma, cotidianamente os pescadores se movimentam entre os três municípios para a prática pesqueira. Não que isso seja uma regra, mas essa Região é o limite espacial para os pescadores artesanais.

Foi nesse trecho do Rio – como representado na Figura 1 – que interpretamos as geograficidades dos pescadores artesanais. Destacamos que o único tipo de pesca a ser realizada no Curso Inferior do Rio Paraíba do Sul é a artesanal e poucos são os estudos que a tratam a partir dos próprios homens e suas práticas pesqueiras.

A GEOGRAFICIDADE DOS PESCADORES ARTESANAIS

Os lugares dos pescadores

Nesse momento buscamos compreender e interpretar os pescadores ao invés de querer caracterizá-los a partir de conceitos, formas e estruturas pré-existentes. Se existirem formas

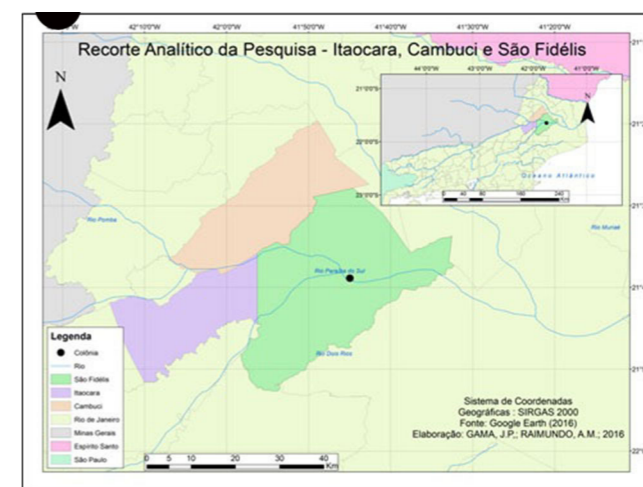


Figura 1: Recorte analítico da pesquisa – Itaocara, Cambuci e São Fidélis.

Fonte: Raimundo; Gama (2016).

na interpretação da pesca, essas têm que ser indicadas pelos próprios pescadores, porque esses vivenciam o lugar, ou seja, eles vivem o cotidiano da pesca. A pesquisa é guiada, o máximo possível, a partir da vivência cotidiana dos pescadores artesanais, pois coube a nós, pesquisadores, interpretarmos os meandros e as objetividades e subjetividades dos pescadores por uma perspectiva geográfica. Consideramos a subjetividade em acordo com Sartre (2014), em que ela compõe o sentido mais profundo do existencialismo. Por um lado, expressa a escolha do homem singular por ele mesmo e, por outro, significa a impossibilidade humana de ultrapassar essa subjetividade. Isso implica em que:

A geograficidade dos pescadores artesanais no rio Paraíba do Sul
Amaral Morais Raimundo e Antonio Bernardes

Quando dizemos que o homem faz a escolha por si mesmo, entendemos que cada um de nós faz essa escolha, mas, com isso, queremos dizer também que ao escolher por si, cada homem escolhe por todos os homens (SARTRE, 2014, p.27).

Pela assertiva de Sartre (2014) podemos esboçar minimamente a amálgama de subjetividades que está no mundo quando pretendemos estudar os pescadores artesanais. De um lado, temos a subjetividade de pesquisadores – ressaltando que um de nós também é pescador –, o que coloca objetivos singulares que direcionam o seu modo de ser-no-mundo em conformidade com os pressupostos e uma Ciência particular e, de outro, os pescadores com que vivenciam o mundo de sua existência. Cada qual, a sua maneira, são eidéticos e culturalmente diferentes e estão comprometidos no mundo desenvolvendo diferentes tipos de conhecimento situado (SARTRE, 1997). Por esse motivo, ao invés de desenvolvermos categorias e conceitos, utilizamos termos êmicos, desenvolvidos pelos próprios pescadores a partir de suas interpretações do Rio e da pesca. Os termos êmicos refletirão os valores, as habilidades e as distinções dos pescadores artesanais do rio Paraíba do Sul comparado aos outros segmentos grupais.

Baseamo-nos também nas considerações de Heidegger (2012) que afirma:

O homem não 'é', primeiramente, para depois criar relações com um mundo, ele é homem na exata medida de seu *ser-em*, isto é, na exata medida em que possui um mundo ou abre o sentido de um mundo, ou seja, em que habita (HEIDEGGER, 2012, p.127).

Para Heidegger (2012), a essência do ser homem consiste em habitar. Habitar significa resguardar cada coisa em sua essência. Resguardar

consiste em **de-morar-se** dos mortais sobre a Terra. Isso nos leva a pensar na quadratura de Heidegger:

'Sobre essa terra' já diz, no entanto, 'sob o céu'. Ambos supõem conjuntamente 'permanecer diante dos deuses' e isso 'em pertencimento à comunidade dos homens'. Os quatros: terra e céu, os divinos e mortais, pertencem um ao outro em uma unidade originária (HEIDEGGER, 2012, p.130).

Esse habitar dos pescadores sobre a Terra se dá de maneira peculiar, podendo ser percebido pela geograficidade, que é a própria existência humana em sua relação orgânica com a Terra. Marandola JR (2015), no prefácio da tradução da obra de Dardel, indica que essa é a própria essência geográfica do ser-e-estar-no-mundo e que ela está relacionada ao conceito de lugar, porque a geograficidade do homem se funda no lugar.

No caso da pesca artesanal, entendemos que a geograficidade vai aparecer em decorrência do lugar, no ato da prática pesqueira pelos utensílios e dos nomes dados pelos pescadores aos lugares, expressados em termos êmicos. Os pescadores, por sua vez, têm suas existências em tais lugares, os quais são articulados pelo ir-e-vir, tanto dos homens quanto da água. Assim, os principais utensílios utilizados nesses lugares pelos pescadores, respectivamente, são: **caniço, molinete, facho, rede, tarrafa, coador, gaiola e a espera ou boiador.**

Os utensílios da pesca estão relacionados às diferentes maneiras de se pescar no Rio Paraíba do Sul. Esses diferentes estilos são costumes adquiridos com a prática da pesca no lugar e revelam a geograficidade desses pescadores. Eles são muito mais do que simples objetos, são extensões do corpo dos pescadores. De acordo com De Paula (2015), na experiência de ser sensível temos como condição o corpo. Logo

A geograficidade dos pescadores artesanais no rio Paraíba do Sul Amaral Morais Raimundo e Antonio Bernardes



Figura 2: Principais utensílios Utilizados na pesca Artesanal.
Fonte: MORAIS, A., 2017.

só podemos experimentar os lugares a partir do corpo. O encontro com o que nos afeta – seja lugar, pessoa ou ideia – só é possível pelo corpo; porque meu corpo me informa acerca dos fenômenos, porque a percepção é a única via da co-presença entre o corpo e o mundo (DE PAULA, 2015, p.60).

Assim, interpretamos que qualquer relação que envolva a pesca é uma situação **indivíduo-sensível-ao-lugar**. O homem sente o lugar a partir de seu corpo e interpreta essas sensações. É a partir dessa relação entre **corpo-lugar-utensílios** que a geograficidade dos pescadores é interpretada e há os lugares da pesca que, segundo os pescadores artesanais, são: **fundo/raso; cachoeiro/manso; areia/pedra/lama; reta/curva; testa/mareta; e rebojo/volta d'água**.

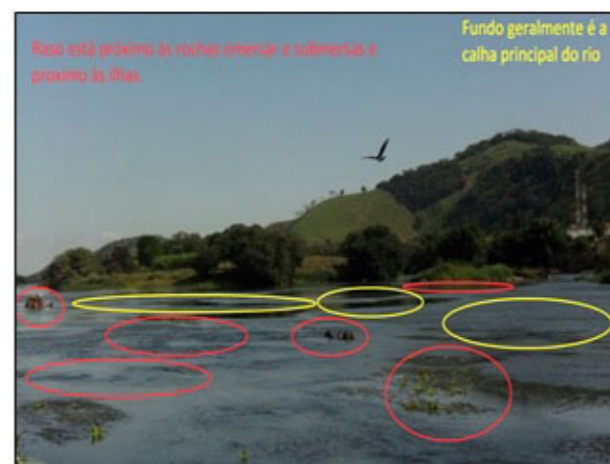


Figura 3: O fundo e raso.
Fonte: MORAIS, A., 2017.

O fundo como o próprio nome diz, são os lugares de maior profundidade no Rio. Esses lugares são assim definidos pelos pescadores porque eles utilizam o comprimento do remo como parâmetro, somado ao seu corpo flexionado em direção à água, tendo o objetivo de tocar o fundo com a "pata" do remo e, assim, medi-lo. Logo, são entendidos como aqueles lugares com mais de três metros abaixo do nível da água. Eles podem apresentar um fluxo de água com corredeiras ou calmaria – poços –, dependendo do formato da calha do Rio. Em relação à pesca, comumente, são lugares de peixes grandes e são cobijados pelos pescadores de molinete, tarrafa e boiador, que estão à procura do dourado, do robalo, do piau e da piabanha.

Já o raso é o lugar das águas mais mansas, com menos de três metros de profundidade. Ele tem várias utilidades para o pescador, como por exemplo, para o lazer e para a prática pesqueira. No que condiz a prática pesqueira, pode ser empregada às modalidades de pesca de rede, de tarrafa, de espera, caniço e gaiola. Naturalmente, são os lugares em que se encontram os peixes de médio e pequeno porte, como por exemplo, a piaba, a traíra, o mandi, o cascudo, a tilápia, a carpa, etc.

No fundo o peixe não vê o pescador, a tainha é esperta, no raso ele vê o pescador e foge. O fundo é bom para se praticar a pesca de robalo, piau, dourado, já o raso é bom para a carpa, o cascudo e outros (PESCADOR JOAQUIM, 2016).

Tanto o fundo como o raso são reconhecidos pelos pescadores, em um primeiro momento, a partir do tato, posteriormente, a sua experiência faz com que ele desenvolva uma memorização do lugar, o tornando, desta forma, a visão como primordial para a diferenciação do raso e do fundo.

Estes três termos êmicos podem ser interpretados a partir das palavras do próprio pescador. Segundo Joaquim:

A pesca no fundo de lama é boa para pegar traíra. No fundo de pedra esconde o cascudo, a lagosta e a carpa. No fundo de areia e na lama a tarrafa não agarra no fundo, na pedra o chumbo da tarrafa pode engretar (agarra entre as rochas).

A geograficidade dos pescadores artesanais no rio Paraíba do Sul

Amaral Morais Raimundo e Antonio Bernardes



Figura 4: a areia, a pedra e a lama.
Fonte: MORAIS, A., 2017.

É da maneira citada acima que minimamente o pescador Joaquim interpreta as três formas geográficas existentes para a pesca de rio, ou seja, como três lugares diferentes.



Figura 5: A reta e a curva.
Fonte: MORAIS, A., 2017.

A reta é melhor na hora da pesca. Na curva é complicado para virar o barco. Se a curva estiver em um cachoeiro é um lugar bom para pesca de dourado, já no manso é boa para o robalo. A reta é boa para um lance de rede, pesca de espinhel, que seria várias esperas juntas em uma mesma linha (PESCADOR EDILSON, 2016).

É desta maneira que o pescador Edilson entende a importância da reta e da curva para a pesca. A ideia de curva e de reta é totalmente distinta, pois não operam de maneira tradicional dentro do conjunto das percepções humanas sobre estas duas formas. Aqui elas são deslocamentos feitos por meio das correntes fluviais. A reta e a curva percebidas de outra maneira que não seja a convencional é um exemplo da geograficidade dos pescadores. É algo ímpar, é algo característico dos pescadores artesanais.

É uma água perigosa, onde tem rebojo tem perigo, principalmente quando tem redemoinho, pois atrapalha o pescador a guiar o barco. Com o rio cheio é pior, porque ele fica mais forte. É bom



Figura 6: O rebojo e a volta d'água.
Fonte: MORAIS, A., 2017.

A geograficidade dos pescadores artesanais no rio Paraíba do Sul Amaral Morais Raimundo e Antonio Bernardes

para o dourado, ele é peixe de água valente e perigosa. O rebojo é um tumulto debaixo d'água (PESCADOR ARMANDO, 2016).

O rebojo se torna perigoso para o pescador porque são lugares onde a água não apresenta um sentido ou direção definida. Daí a necessidade da experiência do próprio ao transpô-la. Pois, o barco dentro de um rebojo perde a direção, não obedecendo completamente o comando do pescador.

Já a volta d'água como o próprio nome diz, são lugares em que o fluxo do rio muda seu curso, mesmo que em um pequeno trecho. A água ao invés de seguir em direção a foz faz o percurso contrário, como se estivesse subindo o rio, à montante. De acordo com o pescador Zé Relógio:

A volta d'água é onde a água faz a volta, corre em dois sentidos. A água vai e volta em forma de funil, e o peixe para ali para descansar. É um lugar bom para pesca de tarrafa e captura da carpa (PESCADOR ZÉ RELÓGIO, 2016).

Esses lugares geralmente surgem nas partes côncavas paralelas às ilhas e há uma inversão do fluxo d'água na sua localização, retomando o fluxo normal, em direção à foz, quando atingem as partes convexas. É como se fosse um renovar de águas na parte côncava. Aqui são praticadas as modalidades da pesca de molinete e pesca de tarrafa. Podem ser encontradas tais espécies de peixes: o robalo, o dourado e o piau.

Todos estes aspectos geográficos, designados para representar estas formas, são adquiridos pelos pescadores a partir de uma memória coletiva do passado – nos aproxima de uma aquisição cultural –, e a partir de uma memória individualizada, ou seja, algo que o pescador tenha experienciado, mas faz parte de seu passado, e algo presente,

próximo da geografia em ato, em ação, suas práticas. Só está última poderá resignificar e criar novas formas dentro da pesca.

Mareta é a lombada d'água com pedras. É a marola. É o melhor lugar para pegar peixe, porque é onde eles param para descansar...Ele para ali por um tempo, o cascudo, a carpa, a tainha... É um lugar de pesca de tarrafa e rede. Como na mareta tem pedra, nela cria lodo, que serve de alimento para os peixes (PESCADOR ARMANDO, 2016).

A testa e a mareta talvez sejam as formas ou termos ênicos mais importantes na pesca artesanal, pois são nesses lugares que encontramos o maior número de "pontos" da pesca no Rio Paraíba do Sul. Esses são os principais lugares passados de geração em geração, são neles que os grandes mitos são construídos.

Nesse sentido, interpretamos que cada pescador tem um sentimento diferente por cada uma dessas paisagens, dependendo de suas vitórias e derrotas na prática da pesca no Rio, possuindo dentre eles diferentes



Tanto a testa como a mareta são formadas pelas rochas que ficam emersas na superfície d'água. Quando esse fluxo atinge uma rocha emersa, na parte anterior dessa rocha a água se torna calma, em forma de um leque aberto, representando assim o termo nativo denominado de testa. Esse lugar é rochoso e dependendo da profundidade pode ser utilizado para a pesca de peixe grande (dourado), médio (piauí, carpa e tainha) e da lagosta. Quanto mais fundo, maior o peixe. Naturalmente a modalidade da pesca nesse lugar é a de tarrafa, de molinete e gaiola.

A mareta ocorre quando o fluxo d'água atinge a rocha emersa e na sua parte inferior, formam-se pequenas ondas ou marolas onde os peixes param para comer o lodo da rocha. Esse lugar é propício para a pesca de rede, tarrafa e gaiola. Assim como a testa, podem ser encontrados neste espaço crustáceos, como a lagosta e camarão e, peixe como a carpa tainha cascudo.

Figura 7: A testa e a mareta.
Fonte: MORAIS, A., 2017.

significados. Logo, os termos nativos mencionados colaboram para expressar a geograficidade dos pescadores na pesca artesanal, mas que só pode ser alcançada no momento da prática pesqueira. É justamente com a prática e na prática que os utensílios e os lugares da pesca ganham sentidos e, assim, podem expressar a geograficidade dos pescadores artesanais. Podemos tomar como exemplo a pesca de tarrafa em maretas. O lugar denominado testa – contornado por amarelo – e ao lugar designado maretas – contornado de vermelho – e ao utensílio tarrafa, que está sendo lançada pelo pescador na maretas. Essa conjuntura – tarrafa, testa, maretas e pescador –, no momento da prática pesqueira, dá sentido à pesca.

O Vazio e o Cheio

A pesca de água doce, no Rio Paraíba do Sul é marcada em duas grandes temporalidades, segundo os pescadores: o Vazio e o Cheio. Ambos estão relacionados ao volume de vazão de água do Rio. Assim, tanto o Vazio como o Cheio, influenciam diretamente na prática pesqueira.

O vazio contém uma temporalidade que se estende do início de março até novembro. Nesse período, as modalidades da pesca são bastante variadas. Destaque-se o auge da pesca de carpa, nos meses de março, abril e agosto; a pesca do robalo, em abril e maio; a pesca da traíra, em junho e julho e a pesca do dourado, em março e setembro. É essa a temporalidade de maior duração e que apresenta uma maior variedade de modalidades de pesca, já que o Rio está com baixo volume de água. Também é nesse momento em que há maior identificação da testa, da maretas e do rebojo pelos pescadores, pois com o Rio cheio estes lugares tendem a diminuir enquanto forma ou até mesmo ficam inacessíveis.

Já o cheio é a temporalidade que vai de novembro a fevereiro. Esse momento é marcado para os pescadores como a renovação das águas do Rio Paraíba do Sul, pois é nesse período que ocorre a piracema – palavra derivada da língua indígena tupi –, que significa “subida do peixe”, ou seja, é o movimento dos cardumes de peixe que nadam rio acima, contra a correnteza, para realizar a desova no período de reprodução.

Com o Rio cheio uma nova dinâmica é aplicada à pesca, se captura as mais variadas espécies, porém as modalidades de pesca são modificadas. As modalidades utilizadas para pesca durante essa temporalidade são a de rede e a de coador. Isso porque com o aumento do volume de água do Rio, logo as testas, as maretas e os rebojos praticamente desaparecem ou estão inacessíveis, o que implica em uma nova maneira de pescar. Com o nível alto das águas, as ilhas que até então estavam emersas no Rio, ficam em sua maioria submersas, tornando-se assim, lugares da pesca.

Dessa forma, é nessa temporalidade que acontece a pesca de mato ou pesca em cima das ilhas, assim denominada pelos pescadores, por causa da grande quantidade de água que passa por cima das ilhas, permitindo a pesca nesses novos lugares. As ilhas, por sua vez, têm como característica uma vegetação que é resquício de Mata Atlântica. Fato que permite o pescador se deslocar, cuidadosamente, com seu barco dentro desses fragmentos alagados ou submersos. As ilhas chegam a ter uma profundidade de alagamento de dois a três metros. E, é justamente nesses espaços emaranhados de pastagens, árvores de pequeno, médio e grande porte que o pescador arma sua rede ou seu coador. Assim, o coador e a rede ganham grandes significados e importância para a pesca nesta temporalidade.

De acordo com o pescador Joaquim, o Vazio e o Cheio alteram a dinâmica da pesca no Rio porque:

A geograficidade dos pescadores artesanais no rio Paraíba do Sul Amaral Morais Raimundo e Antonio Bernardes

Muda muito porque no vazio você pesca em qualquer lugar. Já no cheio não pode, é perigoso, principalmente à noite quando a visibilidade fica ruim e pode descer galhos de árvores e bater no barco e afundá-lo. Com o rio cheio agente pesca nas ilhas de rede e coador e, a água fica barrenta (PESCADOR JOAQUIM, 2016).

Essa diferença de temporalidades (Cheio e Vazio) leva a mudanças na prática pesqueira. A partir dela, lugares são criados e recriados, outros se tornam apenas locais de passagem.

O Cheio e o Vazio podem ser observados abaixo, a partir da Figura 8 e da Figura 9, que foram tiradas em momentos distintos. A primeira em fevereiro de 2016 e a segunda em julho de 2017.

Em resumo, o Cheio e o Vazio dão uma nova dinâmica à pesca artesanal no Rio Paraíba do Sul e essas temporalidades mudam o sentido e significado dos lugares da pesca. Com o Cheio novos lugares surgem e ganham novos sentidos e significados, outros, ficam inacessíveis, pois suas formas são alteradas pelo volume das águas. Porém, esses lugares apesar de estarem inacessíveis continuam



Figura 8: Período de cheia do rio Paraíba do Sul.
Fonte: MORAIS, A., 2017.



Figura 9: Período de seca do rio Paraíba do Sul.
Fonte: MORAIS, A., 2017.

existindo. É justamente a compreensão desses lugares que ora são acessíveis, ora inacessíveis que nos indica a dinâmica não só dos pescadores artesanais do Rio Paraíba do Sul, mas também dos próprios lugares do Rio. Esvai-se aqui a característica estática que normalmente são atribuídas aos lugares em benefício de significações cambiantes, mas que, mesmo de diferentes maneiras, indicam a relação essencial entre o pescador e o Rio.

INTERPRETAÇÕES DOS LUGARES DA PESCA

A partir do excuro apresentado acerca dos lugares e dos pescadores artesanais do Rio Paraíba do Sul se tornou patente interpretarmos como eles desenvolveram o seu lugar e sua geograficidade pela perspectiva da Geografia. Assim, considerando tanto a temporalidade dos pescadores quanto a temporalidade do Rio, nos focando na relação essencial que é o lugar, podemos afirmar que eles se tratam

como é para todos os lugares, de um misto de passado, presente e futuro. Passado, quando nos referimos às memórias, às lembranças e, até mesmo, às lendas que os pescadores possuem de certo lugar no Rio. Presente quando nos referimos a circunstancialidade dos pescadores no ato da pesca. E, o futuro como projeto (SARTRE, 1997), como aquilo que os pescadores conjecturam acerca de determinado lugar no Rio que, muitas vezes, está baseado no passado.

Com isso, atribuindo certo relevo ao passado dos lugares na pesca porque os pescadores artesanais, em muito, se referenciam naquilo que foi vivido e relatado entre os pescadores, tanto pelos pescadores presentes como por seus antepassados, é possível considerarmos que:

[...] A memória é a experiência vivida que o significa, definindo-o enquanto tal. Não é à toa que pensar o lugar é mais fácil recuando no tempo: lugar de nascimento, lugar de lembranças, lugar de saudades, lugar de memórias, lugar de identidade. Ele parece estar mais conectado com a tradição, uma experiência profunda de entrelaçamento com a terra. (MARANDOLA JR, 2014, p.229).

Uma pesca bem-sucedida pode indicar sentimentos para um lugar no Rio, por exemplo, quando o pescador escolhe uma área para dar uma tarrafada e ao lançá-la na água encontra uma árvore ou qualquer outro elemento que prenda a tarrafa no fundo, impossibilitando-o da pesca. Esse lugar provavelmente vai lhe trazer lembranças ruins e serão passadas dentro do grupo de pescadores a partir da linguagem, do diálogo. A mesma coisa acontece com aquele lugar em que se joga a tarrafa e a pesca se torna bem-sucedida, ou seja, se consegue capturar vários peixes. Mas as que serão boas experiências, os lugares, ficarão guardados na memória do pescador de maneira especial. É assim, que muitas vezes se criam os mitos dentro da pesca. E, de acordo com Dardel (2015):

Na base da geografia dos primitivos, há um comportamento religioso, é através desse valor que se manifestam os “fatos” geográficos. Nenhum fato pode refutar jamais a interpretação mítica, porque só o que é garantido pelo mito se torna verdadeiramente real (DARDEL, 2015, p.54).

Em outras palavras, é a partir de acontecimentos ou de “fatos” geográficos ocorrentes com os pescadores que os mitos são criados dentro da pesca. Estes “fatos” quando são compartilhados intensamente dentro de um grupo e podem ultrapassar a barreira de mito, tornando-se praticamente real.

Há inúmeras lendas dos pescadores do Paraíba do Sul, como por exemplo, o caboclo d’água – que seria, de acordo com os pescadores, uma criatura sobrenatural, um homem forte e troncudo, com os braços e pernas muito peludas. Eles a descrevem sendo uma criatura baixa, ágil e poderosa –; a Mãe-de-ouro – que é a lenda de uma bola de fogo que indica onde se encontra o ouro. É conhecida também como uma mulher que vive nas cavernas e que atrai os homens casados –; a tarrafa mágica – que se originou quando antigo pescador ao sair para pescar a noite, em uma Sexta-Feira Santa, a cada tarrafada que dava dentro do rio ouvia outra tarrafa como se fosse um eco da sua própria tarrafa. Chegando a certo lugar do rio esse pescador pegou uma tainha enorme e branca. Antes de jogá-la no barco abateu o animal com três pancadas na cabeça, com um pedaço de pau que tivera no barco. Mesmo depois de abater a tainha ela deu um salto do barco e caiu dentro d’água como se nada tivesse acontecido –; e, por fim, a pedra faiscante – que, de acordo com os pescadores, sempre acontece após a meia noite ao subir um Cachoeiro próximo à ilha do Senhor Arlei, lugar onde um antigo pescador chamado Vilmar morreu afogado. Trata-se de uma pequena pedra, com aproximadamente dez centímetros de diâmetro, que vem em direção ao barco para lhe atingir o casco e em seguida o Rio entra em silêncio.

Como desdobramento da lenda da pedra faiscante, o pescador Evaldo Espanhol, em um de seus relatos, disse:

Vou lhe convidar para irmos ao Cachoeiro do Rumão à meia noite e você vai ver. Após a meia noite as águas param e o Cachoeiro não faz mais barulho. É como se ele estivesse dormindo. As águas se silenciam por três minutos depois da meia noite (PESCADOR EVALDO ESPANHOL, 2016).

Assim...

Num primeiro momento minha reação foi uma risada acanhada. Então, resolvi aceitar a sua proposta. Chegamos ao Cachoeiro do Rumão minutos antes da meia noite e tudo estava normal. Quando o relógio se aproximada da meia noite uma tensão foi tomando conta de mim. No momento em que meu relógio computava meia noite, nada de extraordinário aconteceu. Logo, eu questioneei o pescador, que estava seguro sobre a ocorrência do misterioso fenômeno. Porém, quando o relógio bateu meia noite e cinco minutos, o Rio entrou em um silêncio profundo, como se as águas se emudessem. O rio ficou morto por algum tempo! E, por incrível que pareça, após aproximadamente três minutos tudo voltou ao normal. As águas tinham vozes, o Rio ganhou vida... Havia até um peixe pulando no Cachoeiro. O pescador então me disse: "Viu, eu não tinha lhe falado!" Sem graça e sem explicação, concordei com o pescador. Diante do ocorrido fiquei pensando naquilo por um bom tempo. Fiquei angustiado por não conseguir uma explicação para o caso. Daí me perguntei: será que é essa a geograficidade que Dardel falava em sua obra "O homem e a Terra"? E, que Bachelard e Lúcia Helena Gratão chamaram de geopoética, na qual também foi interpretada por Paula como a relação Corpo-Terra?

Todas as memórias e lembranças, assim como, as lendas, sejam elas boas ou ruins, podem ser reconstruídas e/ou desconstruídas com novas práticas e novas experiências. De acordo com Lowenthal (1998), os acontecimentos passados não têm existência objetiva, mas sobrevivem nos registros escritos e nas lembranças. A memória pode servir para reafirmar os lugares, mas não é a partir dela que novos lugares são criados e recriados.

É nesse sentido que tomamos o conceito de circunstancialidade da maneira desenvolvida por Marandola JR (2014), pois se trata de fator essencial na constituição do Ser. Segundo Marandola JR (2014), esse conceito permite uma aproximação entre situação e mundo circundante. A primeira significa a qualidade própria de se situar, ou seja, um posicionamento relativo em sentido amplo. Situação, portanto, envolve tanto a posição em relação aos outros objetos e entes quanto um contexto circunstancial.

A situação faria jus ao ser-aí (*Dasein*) heideggeriano, ou seja, a situação concernente que o ser encontra diante do mundo. A mundanidade representaria, segundo Marandola JR (2014), a presença do ser-aí ligada ao cotidiano. Logo a mundanidade seria o mundo cotidiano, é o mundo onde somos o ser-no-mundo. Assim:

O ser se constitui, portanto por essa circunstancialidade composta pelos entes (as coisas do mundo) e os seres, as quais se dispõem a determinada maneira relacional. É a partir desse entendimento que Heidegger pensa o estar-com e o estar-entre característica do ser-aí, que se constitui a partir dessa posição relativa circunstanciada. Somos em relação aos objetos, às pessoas, a nós mesmos, sempre em um dado espaço temporalizado (MARANDOLA JR., 2014, p.234).

Para Heidegger, segundo Marandola Jr. (2014), o lugar está definitivamente associado ao ser-no-mundo, pois:

Ao citar o exemplo da ponte como união da quadratura (terra, céu, deuses e mortais) e a possibilidade do espaço, Heidegger afirma: 'A partir desta circunstância determina-se os lugares e os caminhos pelos quais se arruma se dá espaço a um espaço'. A ponte não se constitui em lugar, em si, mas é por meio dela que se fundi o lugar, ao reunir posições, realizar a ligação entre os dois lados e por estar em dada estância e circunstância (MARANDOLA JR., 2014, p.236-237).

Dessa forma, a estância seria o lugar de estar, no nosso caso o Rio Paraíba do Sul. Já a circunstância consistiria na particularidade que caracteriza um fato, uma situação, a posição em relação aos objetos. Como o mundo é móvel, essa posição sempre estará se modificando. Assim, o lugar é, como diz Marandola Jr. (2014, p.245), "o centro do mundo circundante da cotidianidade, enquanto fundamento espacial da existência".

Por fim, podemos dizer que o lugar dos pescadores está relacionado à situação, à estância e à circunstancialidade. Dependendo de onde – posição – os pescadores estiverem o sentido do lugar mudará, porque modificarão a disposição das coisas. A circunstancialidade, na concepção de Marandola Jr. (2014), está relacionada à posição e localidade em que o ser observa e vivencia a paisagem ou o mundo. Dependendo de onde o pescador observar, a maretá pode se apresentar primeiro que a testa, assim, como o fundo ou o raso; acurva ou a reta; o manso ou cachoeiro. Dessa forma, a circunstancialidade pode alterar totalmente o resultado de uma ação na hora da pesca e que "o lugar não é algo estático, engessado ou cristalizado num enraizamento imobilizante; lugar é algo dinâmico que se constrói a partir da circunstancialidade do ser-no-mundo" (MARANDOLA JR., 2014, p.245).

Tanto a circunstancialidade quanto a situação são definidoras da natureza do lugar. No presente, os lugares não podem ser pensados

em sua unicidade e sim pela sua interconectividade, que seriam as relações estabelecidas com outros lugares. Apesar das lembranças colaborarem para a formação dos lugares, o lugar é presente. Ele é um arquivo de lembranças afetivas e de relações esplêndidas que inspiram o presente e por isso tranquiliza o homem, que vê fraqueza em si mesmo e chance e movimento em toda parte (TUAN, 2013, p. 189). Por ser movimento, o lugar também é futuro. Ele é a morada do homem que, ao mesmo tempo, o acolhe e é projeto, como um futuro em constante devir.

Sendo assim, o lugar é esse misto de passado, presente e futuro. Pode ter sido criado no passado, mas só é experienciado no presente, por quem o vive, em direção ao futuro (SARTRE, 1997; SARTRE, 2002; DELEUZE, 1992). Mesmo quando há o medo do homem por fenômenos que lhe escapam a compreensão e controle, justamente porque no presente o futuro é porvir, o lugar não deixa de indicar a relação essencial que o homem possui com a Terra.

No caso do pescador, não poderia ser diferente. O lugar é essa amálgama de passado, presente e futuro porque suas ações presentes sofrem influências das experiências vividas, dos diálogos e das heranças deixadas pelos ancestrais. Ele é tradição. Como por exemplo, ao escolher um local para lançar sua tarrafa o pescador leva em conta os bons lugares da pesca que lhe foram ensinados.

Todavia, o lugar do pescador é experienciado a partir do contato do seu corpo com o mundo (rio). É através dos sentidos que o pescador torna o lugar presente, vê as mudanças na paisagem, sente as mudanças de temperatura da água do rio, sente as texturas das rochas que compõem o rio, sente os seus diferentes cheiros e prova o sabor de sua água. O lugar na pesca adquire características de passado através da consciência e da lembrança e, de presente a partir dos sentidos, vivência e experiência, que busca, sempre, um melhor porvir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da geograficidade dos pescadores artesanais no Curso Médio Inferior do Rio Paraíba do Sul, que ora apresentamos, é muito complexo. Embora, tenhamos retratado uma enorme variedade de temas, acreditamos que alguns aspectos da pesca ainda ficaram de fora da pesquisa, o que não esgota novas possibilidades futuras. No entanto, o quadro exposto neste trabalho pode auxiliar outros.

Sendo assim, podemos dizer que a Geografia que apresentamos tem base na geograficidade como proposto por Dardel, mas em intenso diálogo com outros autores. Logo, compreendemos a geografia da pesca a partir das existências, buscamos entender o lugar com base nos próprios pescadores e sua relação direta com o meio, expressão de sua geograficidade. A geograficidade, portanto, é o modo como os pescadores existem em relação à Terra.

Dessa forma, a geograficidade dos pescadores foi trazida à tona através de observações, aprendizados e os diálogos que tivemos com os mesmos; das descrições de suas práticas, utensílios e lugares do Rio. Demos ênfase no nomear próprio de tais lugares e experiências (termos êmicos), destacando as lendas e mitos criados pelos pescadores. Entremeios, ressalta os relatos (história oral) dos pescadores que obtivemos por meios da pesquisa participante em barcos, na água e na terra. Ouvindo as histórias dos pescadores que se entrelaçavam com a nossa (exposta como relato autobiográfico). Além, houve o debate teórico que nos amparou nessa empreitada, sobressaindo as concepções de circunstância, situação, Corpo-Terra, lugar e temporalidade. Foram por elas que interpretamos a geograficidade dos pescadores.

Com isso, pudemos entender que os utensílios não têm sentidos em si só, mas quando conectados aos lugares da pesca no momento de sua

prática ganham destaque enquanto expressão da geograficidade dos pescadores artesanais. Todavia, é somente no momento da prática, da experiência, da vivência que os lugares e as lendas da pesca se constituem. No caso das lendas, essas surgem tendo em vista os “fatos” ocorridos durante a pesca e que são replicados e compartilhados dentro do seguimento pesqueiro. Já os lugares, esse se originam a partir de um misto entre passado, presente e futuro. Passado quando levamos em consideração os conhecimentos e ensinamentos compartilhados de geração para geração que influenciam na prática pesqueira. Presente, quando invocamos os conceitos de situação e circunstancialidade (MARANDOLA JR., 2014), em que o primeiro designa uma posição relativa do ser frente às coisas do mundo e o segundo denomina o entendimento de que esse mundo é móvel, ou seja, ambos seriam a geografia em ato ou em ação – o presente. Futuro, seria esse projetar-se no presente em sentido ao desconhecido, ao que não conhecemos e que muitas vezes temos medo.


Os lugares existem a partir das ações e da vivência dos pescadores. Estas só são possíveis porque estão fundamentadas nos sentidos. Os sentidos, por sua vez, comunhão com a relação indissociável entre Corpo-Terra. Assim os pescadores podem sentir o Rio, o barco, o remo, os peixes, etc.

Dessa feita, podemos dizer que os lugares se modificam no decorrer do tempo, assim como as práticas pesqueiras, que são fundadas nos lugares e, por fim, a geograficidade do pescador, que são as expressões dessas práticas. No caso desse segmento, esse arrolamento é o que produz o existir e o sobreviver dos pescadores.

O rio também tem sua temporalidade, esta altera a dinâmica da pesca. O Rio Paraíba do Sul apresenta duas grandes variações em relação ao seu volume de água (o Cheio e o Vazio). Essas variações dão um novo “rosto” à pesca. Alteram os lugares da pesca e também a sua

A geograficidade dos pescadores artesanais no rio Paraíba do Sul
Amaral Morais Raimundo e Antonio Bernardes

prática. Logo, o pescador tem que se adaptar o mais rápido possível ao meio, para poder sobreviver. É sobrevivendo que eles refletem sua existência. Assim, os pescadores são extremamente resilientes, fortes, resistentes e perspicazes.

Pela perspectiva da ciência geográfica, acreditamos que essa discussão pode contribuir para as interpretações desse segmento social, que tem características próprias na relação Homem/meio. Notadamente, porque necessitamos nos amparar numa concepção de um lugar na Geografia que é fluído. Um lugar que não é estanque e engessado, que sim que se modifica constantemente, que é inacessível fisicamente em determinadas temporalidades do Rio. Mais do que compreender, sentir o lugar é, ao mesmo tempo, é um modo de contribuir com o debate acerca do lugar na ciência geográfica, cambiar com as formas de ser-no-mundo dos pesquisadores e dos pescadores com destaque para a sua existencialidade. 

REFERÊNCIAS

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DELEUZE, Gilles; Félix Guattari **O que é a filosofia?** São Paulo: 34, 1992.

DE PAULA, Fernanda Cristina. Sobre geopoéticas e a condição corpo-terra. **Geograficidade**. v.5, Número Especial, p. 50-65, Primavera 2015.

FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Trad. Emanuel Carneiro Leão; Gilvan Fogel; Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8 ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. (Coleção Pensamento Humano).

LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. Trad. Lúcia Raddad. **Proj. História**. São Paulo, n.17, nov. 1998, p. 63-201.

MARANDOLA JR, Eduardo. Lugar Enquanto Circunstancialidade. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. **Qual é o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014. p.227-247.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da Razão dialética**. Precedido por Questão de método. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. João Batista Kreuch. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduep, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduep, 2013.

Submetido em Novembro de 2017.

Revisado em Abril de 2018.

Aceito em Maio de 2018.